

O risco do financiamento externo

Nesta virada de ano, século e milênio, o economista Renê Garcia Júnior anda na contramão dos seus colegas de profissão. Analisa as perspectivas da economia brasileira com uma cautela tão grande que pode ser confundida com pessimismo. "Dá para dizer que o primeiro semestre vai ser muito bom. Mas qualquer coisa que se fale a respeito do segundo semestre é chute", assegura. Sobre a convergência de opiniões, garantindo que 2001 será o ano da virada, não vacila: "Quando está todo mundo otimista, a situação pode piorar rapidamente."

Garcia Júnior centra sua análise numa velha deficiência da

economia brasileira, a dependência de financiamento externo. Simplesmente porque a onda de capitais internacionais, que anda pelo mundo financiando países emergentes, move-se de acordo com as correntes da economia dos Estados Unidos. E esta, para o economista, é algo como um trem cheio de vagões em alta velocidade. Pode viajar sem perigo, desde que o maquinista não erre.

"A economia dos EUA dita o ritmo da economia internacional. Se o nível de atividade deles cai, o ritmo do comércio mundial cai. Se a bolsa deles perde valor, o fluxo de capitais pelo mundo per-

de força", compara. Renê Garcia defende a idéia de que a balança comercial americana é o centro da economia física do mundo e as bolsas dos EUA, o centro da economia financeira do mundo.

Por esse ângulo, o Brasil pode até crescer 4% em 2001. Mas, para tanto, deve torcer para que os condutores da locomotiva americana mantenham-na na linha. A mesma linha que proporcionou avanços de 7,9% no comércio internacional nos últimos cinco anos.

Nas análises em geral, a situação da Argentina já não desperta alvoroço entre os economistas brasileiros. O emprésti-

mo de US\$ 39,5 bilhões acertado com o Fundo Monetário Internacional garantiu a situação dos vizinhos pelo próximo ano e meio. É tempo suficiente para que as reformas na legislação trabalhista dêem resultado e os produtos argentinos voltem a ter competitividade no exterior, ou ainda que o país crie uma alternativa que lhe permita escapar do regime de câmbio fixo.

A mesma tranquilidade é estendida ao petróleo, cujo preço prejudicou o desempenho da balança comercial por todo este ano. A previsão de 2001 é de baixa no preço internacional do barril. (U.B.)